

O NEO-EURASIANISMO COMO CATALISADOR DE UMA ORDEM MUNDIAL MULTIPOLAR

ROBERTO NARCISO ANDRADE FERNANDES

rnfernandes@iscpsi.pt

Superintendente da Polícia de Segurança Pública (Portugal) e titular do doutoramento em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia (Universidade Autónoma de Lisboa). Licenciado em Ciências Policiais pelo Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), detém diversas pós-graduações em Direito Regional (Universidade da Madeira), Medicina Legal e Proteção de Menores (Universidade de Coimbra). Possui ainda várias especializações em matéria policial, de segurança e de defesa. Desde 2025, exerce funções como assessor sénior do ISCPSP e coordena o Programa de Pós-Graduação em Direção e Estratégia Policial (CDEP). É professor no ISCPSP e investigador integrado no Centro de Investigação do ISCPSP (ICPOL), no Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) e no Instituto Brasileiro de Segurança Pública (IBSP). Integra os Conselhos Editoriais da Revista Científica do IBSP e do *European Law Enforcement Research Bulletin*, figurando como perito e formador externo da CEPOL e da COST. Entre 2019 e 2023, foi diretor do ICPOL, período em que relançou a Politeia – Revista Portuguesa de Ciências Policiais e representou Portugal na CEPOL enquanto correspondente nacional para a investigação e a ciência. Ao longo dos seus mais de 30 anos de carreira, desempenhou funções como Chefe da Área Operacional de Comando Regional, Chefe da Área de Apoio de Comando Regional, Comandante de Divisões Policiais (de competência genérica), Comandante da Divisão de Investigação Criminal e Comandante de Esquadra (destacada). <https://orcid.org/0000-0002-3649-8694> | CIÊNCIA ID: 7A17-C4C6-519E

Resumo

Esta investigação analisa a influência do neo-eurasianismo na formulação da política externa russa e o seu impacto nas dinâmicas geopolíticas contemporâneas. Inspirado no pensamento de Alexander Dugin, este paradigma propõe uma liderança russa no espaço euro-asiático como alternativa ao modelo liberal ocidental, promovendo uma reconfiguração hierárquica das relações internacionais. O estudo examina como essa visão se reflete nas iniciativas de Moscovo para expandir a sua influência sobre os espaços pós-soviéticos, fragilizar a coesão europeia e contestar a hegemonia da OTAN e dos Estados Unidos. A análise evidencia a perplexidade da resposta internacional perante o uso simultâneo de hard power, netwar e desinformação pela Rússia, bem como as limitações da reação europeia, marcada por falta de coesão e dependência estratégica. Conclui-se que o neo-eurasianismo funciona como matriz ideológica legitimadora de uma política externa russa revisionista, que combina capacidades convencionais e não convencionais para contestar os fundamentos institucionais da ordem internacional liberal baseada em regras. A assimetria entre a coesão discursiva russa e a fragmentação da resposta europeia evidencia a necessidade de uma estratégia de contra narrativa e reforço de capacidades híbridas no plano europeu.

Palavras-chave

Desinformação, Neo-Eurasianismo, Geopolítica, Rússia, Segurança internacional.

Abstract

This research analyses the influence of Neo-Eurasianism on the formulation of Russian foreign policy and its impact on contemporary geopolitical dynamics. Inspired by the thinking of Alexander Dugin, this paradigm proposes Russian leadership in the Eurasian space as an alternative to the Western liberal model, promoting a hierarchical reconfiguration of



international relations. The study examines how this vision is reflected in Moscow's initiatives to expand its influence over the post-Soviet spaces, undermine European cohesion and challenge the hegemony of NATO and the United States. The analysis highlights the bewilderment of the international response to Russia's simultaneous use of hard power, netwar and disinformation, as well as the limitations of the European reaction, marked by a lack of cohesion and strategic dependence. It is concluded that Neo-Eurasianism functions as an ideological framework legitimising a revisionist Russian foreign policy, which combines conventional and unconventional capabilities to challenge the institutional foundations of the rules-based liberal international order. The asymmetry between Russian discursive cohesion and the fragmentation of the European response highlights the need for a counter-narrative strategy and the strengthening of hybrid capabilities at the European level.

Keywords

Disinformation, Neo-Eurasianism, Geopolitics, Russia, International security.

Como citar este artigo

Fernandes, Roberto Narciso Andrade (2026). O Neo-Eurasianismo como Catalisador de uma Ordem Mundial Multipolar. *Janus.net, e-journal of international relations*, VOL. 17, Nº. 1, Maio 2026, pp. 125-153. <https://doi.org/10.26619/1647-7251.17.1.7>

Artigo submetido em 23 de abril de 2025 e aceite em 17 de janeiro de 2026.





O NEO-EURASIANISMO COMO CATALISADOR DE UMA ORDEM MUNDIAL MULTIPOLAR

ROBERTO NARCISO ANDRADE FERNANDES

Introdução

Esta investigação adota uma abordagem qualitativa de análise de discurso crítico (Fairclough, 2023), aplicada a um *corpus* composto por 127 documentos russófonos entre 2014 e 2025, incluindo 43 discursos presidenciais de Vladimir Putin, 28 documentos estratégicos oficiais, 32 relatórios de *think tanks* russos pró-Kremlin e 24 artigos académicos de autores eurasianistas. A delimitação temporal pós-anexação da Crimeia (2014-2025) corresponde à janela crítica de institucionalização discursiva do "neo-eurasianismo"¹ na política externa russa. Assim e para efeitos da presente análise, o neo-eurasianismo encontra-se operacionalizado segundo quatro dimensões inter-relacionadas, identificáveis no discurso oficial russo pós-2014:

- 1) Dimensão civilizacional: Dicotomia Eurásia-Occidente, com a edificação da Rússia como civilização autónoma frente ao "decadentismo liberal" (Dugin, 1997).
- 2) Dimensão espacial: Reivindicação do *Heartland* euroasiático como zona de influência exclusiva, em que a Ucrânia surge como "anomalia histórica" (Mackinder, 1904).

¹ O neo-eurasianismo é uma corrente ideológica russófona surgida na década de 1990, na sequência da dissolução da União Soviética. Assenta em tradições intelectuais da Rússia czarista e inspira-se no eurasianismo clássico do início do século XX. O seu principal precursor, Nikolai Danilevsky (1822-1885), propôs uma visão "geosófica" fundada em "tipos cultural-históricos" (egípcio, chinês, indiano, romano-germânico, eslavo, entre outros) enraizados em espaços geográficos específicos. Rejeitando o eurocentrismo universalista, concebia o mundo como um conjunto de civilizações incomensuráveis. Para Danilevsky, a Rússia-Eurásia constituía um tipo civilizacional autónomo, sacralizando o espaço eurasiático como fonte identitária e missão histórica singular, o que reforça a ideia do mapa enquanto discurso de poder (Danilevsky, 1888; Fairclough, 2023). O neo-eurasianismo contemporâneo radicaliza esta matriz, apresentando a "Rússia-Eurásia" como eixo geopolítico e alternativa civilizacional ao Ocidente liberal. Mais do que uma teoria geopolítica, configura-se como uma filosofia abrangente de inspiração histórica, estratégica, cultural e social, que se opõe à globalização e à unipolaridade dos Estados Unidos e da OTAN. Defende a preservação das tradições culturais, nacionais, étnicas e religiosas, bem como a promoção de modelos económicos alternativos e de uma ordem social mais equitativa. Inserido na escola expansionista, rejeita os valores liberais e democráticos ocidentais, advogando uma civilização autónoma, distinta do modelo europeu. A sua formulação inspira-se em concepções geopolíticas como a oposição entre poderes terrestres e marítimos de Halford Mackinder, o conceito de pan-regiões de Karl Haushofer e a leitura russo-cêntrica de Zbigniew Brzezinski. Em síntese, caracteriza-se por uma orientação antiglobalização e anti-hegemónica (Bassin & Aksenov, 2006; Cláudio, 2015; Souza, 2017; Brigola, 2023).



- 3) Dimensão securitária: *Doutrina Gerasimov* de guerra não linear, combinando *hard power*, FIMI² e operações psicológicas (Gerasimov, 2013).
- 4) Dimensão temporal: Narrativa revisionista que legitima a reunificação dos “territórios historicamente russos” (Putin, 2022).

A estrutura conceptual adotada permite rastrear a presença do neo-eurasianismo nos discursos presidenciais e documentos estratégicos analisados. A opção pela análise de discurso crítico não visa inferir intenções causais diretas, mas identificar regularidades semânticas, enquadramentos narrativos dominantes e estratégias de legitimação, reconhecendo que o discurso político constitui simultaneamente reflexo, instrumento e condição de possibilidade da ação estratégica. A triangulação metodológica entre fontes primárias e secundárias visou mitigar riscos de determinismo ideacional, reconhecendo que o neo-eurasianismo funciona, primordialmente, como teoria legitimadora e não como variável causal exclusiva (Patton, 2002). Trata-se, assim, de um repertório ideacional flexível, mobilizado seletivamente para conferir coerência simbólica, legitimidade histórica e densidade civilizacional a decisões estratégicas moldadas por imperativos de poder, segurança e oportunidade (Clover, 2016; Shekhovtsov, 2021; Umland, 2022; Tkachuk, 2025; Simola & Leppänen, 2025).

A Ascensão do Eurasianismo na Política Externa Russa

O contexto geopolítico atual caracteriza-se pela prevalência da impermanência, imprevisibilidade e da volatilidade na relação entre os múltiplos atores do Sistema Político Internacional. A política externa russa reflete, na sua essência, um pensamento geopolítico de matriz irredentista, influenciado pela ideologia euroasiática radicada no expansionismo e na dominação mundial (Freire, 2023). O neo-eurasianismo postula a constituição de um eixo geopolítico euroasiático liderado pela Rússia, articulando potências como China, Índia, Irão e Turquia numa configuração de alianças hierárquicas que contestam a hegemonia ocidental no sistema internacional (Dugin, 1997; Clover, 2016). Esta visão civilizacional rejeita o universalismo liberal em favor de uma pluralidade de espaços culturais autónomos, nos quais a Rússia-Eurásia assumiria primazia no *Heartland* continental (Ferreira & Terrenas, 2016; Milhazes, 2016). Mais do que isso, esta doutrina defende a necessidade de fragmentar a União Europeia (UE) – símbolo vivo do internacionalismo liberal –, exaurir a influência dos Estados Unidos da América (EUA) no plano global e, especificamente em relação à Ucrânia, propõe a sua dissolução como

² *Foreign Information Manipulation and Interference* (FIMI) reporta-se a ações coordenadas e intencionais, conduzidas por atores estatais ou não estatais, que manipulam a informação para influenciar processos políticos, desestabilizar sociedades e enfraquecer instituições democráticas. Na UE, estas práticas visam amplificar divisões internas, fomentar a polarização e comprometer a sua posição global, afetando a tomada de decisões e a execução de políticas estratégicas. Atores estatais russos e entidades afiliadas ao Kremlin coordenam-se para conduzir operações de FIMI. Estas ações são realizadas através de redes diplomáticas russas, serviços de segurança, meios de comunicação estatais, plataformas de redes sociais, empresas privadas e intermediários locais. Todos estes elementos são utilizados de forma compreensiva e integrada para se reforçarem mutuamente, maximizando o alcance e o impacto da desinformação e da manipulação informativa. A FIMI “(...) refere-se a comportamentos, em geral não ilegais, de natureza intencional e coordenada, levados a cabo por atores estatais ou não estatais – ou seus intermediários – com o objetivo de distorcer informação, influenciar valores, processos políticos e decisões democráticas” (Serviço Europeu para a Ação Externa, 2024, p. 4).



entidade soberana e independente, passando a ser parte integrante do território periférico da grande Rússia, considerando as suas afinidades ao nível da língua, costumes e raça (Dugin, 1997; Cláudio, 2015; Umland, 2022).

Esta lente revisionista do equilíbrio de poderes na geopolítica global, com enfoque russocêntrico, inspira-se em correntes geopolíticas clássicas como as teorias do geógrafo Halford Mackinder³, segundo as quais o eixo do destino da geopolítica mundial assenta no “*Heartland*” do supercontinente euroasiático, área que corresponde, sensivelmente, ao território onde se encontra a Ucrânia – a “terra fronteiriça” (Kaplan, 2022). Segundo esta tese, o domínio do espaço da Eurásia garantiria a supremacia global, despertando, por isso, a atenção das grandes potências da Ásia interior, nomeadamente a Rússia e a China, tradicionalmente mais belicosas e dogmáticas (Sloan, 1999a). E assim a Ucrânia, estrategicamente localizada entre as zonas de influência europeia e russa, tornou-se o eixo e o ponto de ignição da disputa de poder mundial (Milhazes, 2016; Kaplan, 2022).

Um dos defensores mais exaltados desta visão imperialista, Alexander Dugin, categorizou a Ucrânia como um elemento-chave no que apelidou de “luta civilizacional” com o Ocidente, sustentando que a independência ucraniana constitui uma grave ameaça à sobrevivência da Rússia ante o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), consequente da *Mauerfall* (1989) e do colapso da União Soviética⁴, a 26 de dezembro de 1991. A ideologia supremacista pró-russa, enraizada em precursores como Nikolay Yakovlevich Danilevsky (1822-1885), cujos “tipos cultural-históricos” geosóficos concebem a Eurásia como civilização espacialmente autónoma e antiocidental, é profusamente desenvolvida nos trabalhos de Dugin (Danilevsky, 1888). A sua obra seminal “Fundamentos da Geopolítica”, publicada em 1997, parece influenciar, de modo transversal, os sectores do pensamento político e geoestratégico do Kremlin. Embora Dugin exerça uma influência ideológica periférica no *establishment* pós-soviético (Shekhovtsov, 2021), o neo-eurasianismo funde-se organicamente com a doutrina de guerra não linear de Valery Gerasimov (2013). Em 2024, esta filosofia materializou-se em mais de 1.200 incidentes cibernéticos russos registados na UE (Bartles, 2016; Simola & Leppänen, 2025). Charles Clover (2016) documenta esta hibridização como uma síntese pragmática entre o eurasianismo radical e a *realpolitik* putinista, refletida numa retórica oficial de “democracia soberana” (Dugin, 1997; Umland, 2022; Fairclough, 2023;

³ Halford John Mackinder, geógrafo, académico e político inglês, é amplamente reconhecido como um dos fundadores da geopolítica clássica e da geoestratégia. Em 1904, publicou o artigo “*The Geographical Pivot of History*”, no qual formulou a “Teoria do *Heartland*”, um conceito que, desde então, influenciou a política externa das grandes potências mundiais, especialmente a Rússia pós-soviética e a China. Segundo esta doutrina, a potência que consiga controlar a Ásia Central – “o grande pivot” – tornar-se-á o Estado mais poderoso na política internacional. O autor tinha uma visão de um mundo dividido entre potências terrestres e marítimas, à semelhança do que se verificou na Primeira Guerra Mundial (Bassin & Aksenov, 2006). Durante a maior parte do século XX, os EUA consideraram crucial impedir que qualquer potência ou grupo de potências dominasse o território euroasiático, confirmando a influência da Teoria do *Heartland* na política das Grandes Potências (Fettweis, 2003). No extremo ocidental, Finlândia, Estados Bálticos, Polónia e Ucrânia constituíam uma zona neutra de enorme interesse estratégico para prevenir o avanço da Aliança euro-atlântica. Hodiernamente, o *Heartland* euroasiático corresponde à Rússia e às antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central – Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão –, sendo balizado pela bacia do Cáspio e pela Geórgia (Scott & Alcenat, 2008).

⁴ O colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi um dos eventos geopolíticos mais marcantes do século XX. A dissolução da superpotência comunista (1922-1991) teve profundas consequências políticas, económicas e sociais no mundo inteiro. Na sua origem estiveram uma crise económica crónica; a corrupção e estagnação política; a invasão do Afeganistão e os vários conflitos separatistas; as reformas da *Perestroika* (reestruturação económica) e da *Glasnost* (liberdade de expressão); e as crescentes exigências independentistas das repúblicas soviéticas.



Zakaria, 2025). A tradução do neo-eurasianismo em práticas de política externa ocorre através de mediações institucionais concretas, envolvendo elites políticas, complexos securitários, aparelhos mediáticos e redes informais de influência, o que explica a coexistência de coerência discursiva e pragmatismo tático na ação externa russa.

A crescente centralidade da Ásia-Pacífico tem reforçado este posicionamento da Rússia, antecipado por Geoffrey Sloan no final do século passado (Sloan, 1999b). A determinação da política externa russa contra a “globalização do Ocidente”, intrinsecamente marcada por esta perspectiva irredentista, continua a pôr em causa a ordem internacional liberal estabelecida com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, desafiando convenções, tratados e princípios fundamentais do direito internacional⁵. Remontando às raízes dos postulados marxistas-leninistas, o regime russo assume que a sua influência “(...) deve necessariamente acarretar mudanças, não apenas na forma e instituições da democracia, mas mais especificamente uma mudança que garanta a extensão, de uma forma inédita, na história do mundo (...)” (Lenine, 2024, p. 68).

Deslizando entre a apatia e a comoção, a comunidade internacional esforça-se por acompanhar a escalada da conflitualidade contemporânea, procurando aplacar o expansionismo de Moscovo, mormente através de sanções político-diplomáticas e económicas (Redação DN, 2022). Apesar da condenação generalizada por parte da comunidade internacional da “Operação Militar Especial na Ucrânia”, levada a cabo pela Rússia em fevereiro de 2022, a UE enfrenta tensões internas, marcadas por desafios persistentes no domínio da confiança mútua entre os Estados-Membros, perante a necessidade de definição de uma resposta coordenada para travar as ambições do agressor russo ao território e às reservas de minerais raros da vizinha Ucrânia. Este cenário foi agravado pela inesperada retirada de apoio norte-americano e pela apatia do Reino Unido – agora separado da UE –, contrariando os compromissos diplomáticos firmados no Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança, assinado em 1994 (Sahuquillo, 2024). Assistimos, como nunca, a um crescendo de incerteza e a um número exponencial de riscos globais, instantaneamente mediatizados e instrumentalizados na conquista do poder (Bauman, 2001; Beck, 2009). O alargamento estratégico da orla europeia – ou “*Rimland*”, como foi teorizada por Nicholas Spykman, em 1942 – até ao Mar Negro e a adesão de novos países à OTAN (nomeadamente, a Suécia e Finlândia, sem esquecer a promessa de abertura à Ucrânia), parece surgir como farol da esperança na contraposição da democracia ao autocratismo. A rivalidade *Heartland* (de orientação terrestre) Vs. *Rimland* (de valência marítima) é, presentemente, uma realidade incontornável nas Relações Internacionais (Spykman, 1944 e 2017; Kaplan, 2022; Colibășanu, 2023).

Depois de ter desmerecido os repetidos alertas de Charles de Gaulle⁶, a Aliança (trans)Atlântica, firmada pelo Tratado do Atlântico Norte em 4 de abril de 1949, corre

⁵ A este respeito, assinalamos as invasões russas à Polónia e à Finlândia (1939), à Estónia e Lituânia (1940), à Hungria (1956), à Checoslováquia (1968), ao Afeganistão (1979), à Chechénia (1994 e 1999), à Geórgia (2008) e à Síria (2015). O desejo intemporal de combinar o poderio em terra com o marítimo esteve na origem da invasão ao Afeganistão e na tentativa de desestabilização do Paquistão na década de 1980 (Kaplan, 2022).

⁶ O general De Gaulle acreditava que a Europa deveria ser uma potência geopolítica por si só, com uma política de defesa própria, sem submissão a Washington. O seu pensamento crítico do “Atlantismo” e defensor da independência da defesa militar francesa influenciou inúmeros debates sobre a autonomia estratégica da Europa. A mudança de posicionamento de Trump em relação à defesa europeia confirmou essa teoria (Verdú, 2025).



agora um perigo de morte face à expansão russa e ao posicionamento transacional da administração norte-americana. O distanciamento dos EUA em relação à guerra russo-ucraniana, iniciada, em 2014, com a anexação unilateral da península da Crimeia e alargada à escala total, em 2022, com a ocupação dos territórios do leste da Ucrânia, nomeadamente os *oblast* do Donetsk, Lugansk, Zaporijia e Kherson; a ameaça de bloqueio e retirada norte-americana da OTAN; e a aproximação entre Trump e Putin, colocam em perspetiva a viabilidade de um cessar-fogo consequente ou mesmo a eficácia de uma eventual reação da Europa em defesa da Ucrânia (Plesha, 2020; Sosa, 2024). A UE enfrenta três limitações estruturais na sua capacidade de resposta estratégica: a ausência de forças armadas próprias com comando unificado; a dependência histórica da garantia de segurança dos EUA no quadro da OTAN; as divergências internas entre Estados-Membros, permeáveis a operações de influência externa (Barata, 2014; Applebaum, 2025). Estas fragilidades estruturais comprometem a formulação de uma política externa comum coerente e coesa ante as ameaças híbridas russas⁷. Conclui-se que a fragmentação da resposta europeia não resulta apenas de défices materiais, mas de uma assimetria narrativa estrutural, na qual a UE privilegia discursos normativos e procedimentais, enquanto a Rússia opera com narrativas estratégicas simplificadas, emocionalmente mobilizadoras e historicamente ancoradas.

A administração republicana dos EUA tem evidenciado ainda práticas de favorecimento de redes empresariais próximas do poder executivo, designadas na literatura como *crony capitalism* (Haggard & Kang, 2020), em simultâneo com uma diplomacia europeia marcada por divergências internas entre os Estados-Membros. Esta conjugação de fatores dificulta a reversão das alterações territoriais ocorridas desde 2014, nomeadamente na Crimeia e no leste da Ucrânia (Agência Lusa, 2025). Assistimos, em direto, ao redesenho do mapa geopolítico do século XXI. Ao fazer um paralelo com as mudanças políticas e socioeconómicas operadas na ordem internacional durante a ascensão e queda do Terceiro Reich, pode argumentar-se que a segunda presidência de Donald Trump está a contribuir para uma transformação da ordem mundial contemporânea, ainda de contornos, tendências e efeitos incertos, mas potencialmente tão disruptiva quanto outras inflexões autoritárias do século XX (Fairclough, 2023). A *Pax Americana* (longa paz), decorrente da hegemonia dos EUA, transformou-se numa *Totius Mundi Dubitationem* (incerteza global), compelindo a um novo olhar sobre o tabuleiro internacional, repleto de novos desafios, obstáculos e dubiedades (Bauman, 2001; Colibășanu, 2023; Sahuquillo, 2025).

Todavia, é plausível que este momento de adversidade global se revele uma oportunidade única para a França e o Reino Unido – as únicas potências nucleares do “Velho Continente” –, bem como a Alemanha – motor da economia europeia –, assumirem, de uma vez, as rédeas da defesa europeia e emanciparem o seu complexo securitário e militar. O caminho percorrido pela Polónia serve de lição à dormência dos demais Estados-Membros da OTAN defronte da iminência de um confronto aberto com a Federação da Rússia num futuro próximo. Atualmente, a Polónia, reconciliada com uma

⁷ Neste quadro difuso, atenda-se, por exemplo, à Hungria de Viktor Orbán, tida como o país mais corrupto da Europa e com estreitas afinidades à Rússia; à Eslováquia de Robert Fico, forte crítico do apoio militar à Ucrânia; ou ao financiamento russo da candidata presidencial de extrema-direita, Marine Le Pen, em França, no ano de 2014 – recentemente condenada por desvios de fundos europeus –, casos que constituem algumas das muitas perplexidades que a UE enfrenta no seu círculo interno, superestimuladas por Moscovo (Barata, 2014; Applebaum, 2025).



Alemanha economicamente solidária e desbelicizada, despende mais do seu produto interno bruto (PIB) com a defesa do que qualquer outro país da OTAN. No primeiro trimestre de 2025, o presidente polaco, Andrzej Duda, anunciou a intenção de investir 4,7% do PIB na infraestrutura militar (Euronews & EBU, 2025).

Numa inversão de paradigma, os EUA – outrora apresentados como sentinelas da liberdade e da democracia – evidenciam sinais de captura por dinâmicas iliberais, em parte convergentes com o “putinismo”, fenómeno nacionalista que reconfigurou os equilíbrios de poder no frágil tabuleiro internacional (Zakaria, 2025; Sellers, 2025c). Em 20 de janeiro de 2025, o retorno de Trump à Casa Branca, enquanto 47.º presidente dos EUA, polarizou a sociedade norte-americana e gerou uma avalanche de arbitrariedades geopolíticas e geoeconómicas – desde a “guerra das tarifas” aduaneiras à manifestação pública de interesse na anexação do Canal do Panamá, do Canadá e da Gronelândia – com implicações globais e que sugerem o despontar de uma mudança histórica que poderá acelerar a substituição da ordem internacional liberal⁸ por uma “ordem das grandes potências”, como propagandeada pelo neo-eurasianismo (Dugin, 2025).

O lema “*Make America Great Again*” (MAGA), central na retórica da segunda presidência Trump, projeta uma visão nacionalista que, em certos aspetos discursivos, designadamente a crítica à globalização liberal e a exaltação da soberania nacional, apresenta afinidades funcionais com elementos do imaginário neo-eurasiano, ainda que enraizado em tradições ideológicas distintas (Fairclough, 2023; Zakaria, 2025; Dugin, 2025). Esta convergência retórica não implica, contudo, uma coordenação estratégica formal, mas antes uma sintonia conjuntural em torno da rejeição do universalismo liberal (Rufo, 2023). Segundo Robert Kaplan, “democracia e moralidade não são sinónimos” (Kaplan, 2022, p. 51). Ao advogar o regresso da política *hardline*, o executivo dos EUA reconhece a primazia da “lei do mais forte”, de pendor quase isolacionista, favorecendo o seu relacionamento pragmático com outras grandes potências, nomeadamente a Federação da Rússia, a República Popular da China e a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte), em detrimento da promoção dos valores liberais ou do apoio à segurança e desenvolvimento sustentável dos países mais vulneráveis (Nye, 2003).

A ascensão, a nível global, de uma propensão nacionalista de índole autoritária, em parte patrocinada pelo regime de Putin, constitui um dos traços mais marcantes da atual conjuntura política internacional (Rufo, 2023). A reescrita da história, ao estilo da Revolução Cultural Chinesa (1966-1976), destaca-se como uma das principais táticas utilizadas pelos regimes autoritários, desde os fascistas aos neo-eurasianos, para apagar progressos em áreas como a raça, identidade, género e classes sociais. Para tal, o totalitarismo recorre à securitização e a um sistema de ensino hermético, antemurado por *mass media* e por redes sociais totalmente controladas pelo Estado (como o *Truth Social* de Trump, a *Vkontakte* de Putin ou a *Weibo* de Xi Jinping). A consolidação e manutenção do poder é caucionada pelo controlo da narrativa, ao jeito do que Nietzsche designou de “perspetivismo”: “(...) não há fatos, só interpretações [*Interpretationen*]. (...) Tudo é subjetivo (...)” (Nietzsche, 2008, p. 260). Perante a perversão transversal do ecossistema de informação, afigura-se crucial, mais do que nunca, preservar uma

⁸ Conjunto de relações globais, baseadas em regras e estruturadas, baseadas no liberalismo político-económico e no internacionalismo liberal desde o final da década de 1940 (Lake, Martin, & Risse, 2021).



memória coletiva que reconheça as lutas e conquistas sociais (Clover, 2016; Stanley, 2025).

A multipolarização político-ideológica das sociedades da era digital tem-se revelado extremamente fraturante, servindo, em grande medida, o propósito estratégico do maquiavelismo neo-eurasiano. Atenda-se, a este respeito ao que se passa nos EUA, em particular o antagonismo entre republicanos e democratas (Rufo, 2023). A degradação da ordem internacional liberal, fundada em regras convencionadas, cede espaço ao caos do oportunismo transacional e à cobiça do autoritarismo (Hurrell, 2015). Segundo Anne Applebaum (2024), a ganância, a cleptocracia, o controlo da narrativa, a transformação do sistema operativo e a difamação das democracias constituem os cinco pilares dos regimes ditatoriais. Os sistemas autocráticos coevos são apoiados por redes sofisticadas, compostas por estruturas financeiras cleptocráticas, avançadas tecnologias de vigilância e conglomerados de propagandistas profissionais (prestadores de serviços) aos vários regimes, desde a Rússia à China e do Irão à Coreia do Norte. Estes regimes autocráticos dispõem de redes avançadas que integram estruturas financeiras opacas, tecnologias modernas de vigilância e capacidades de influência informacional profissionalizada, articuladas numa estratégia integrada de projeção de poder global (Goudarzi, 2022; Applebaum, 2024). O condicionamento de apoio militar dos EUA à celebração de acordos com a Ucrânia para a exploração de depósitos de minerais de terras raras, ilustra uma estratégia de barganha assimétrica em que o suporte securitário é instrumentalizado para obter contrapartidas económicas estratégicas (Umland, 2022; Alexandre, 2025). Esta postura traduz as tensões entre os princípios declarados da ordem liberal e os imperativos de *realpolitik* nas relações transatlânticas (Zakaria, 2025).

Com recurso à tecnologia⁹ e ao poderio militar, o “trumpismo” dividiu a América e parece convergir com o putinismo, numa inflexão política de 180 graus, para moldar a ascensão de uma ordem mundial, ainda volátil, mas que resulta num realinhamento significativo para o cenário geopolítico do século XXI¹⁰ (Hurrell, 2015; Rufo, 2023; Fernandes, 2024a, 2024b, 2025a). Incontornavelmente, a emergência do populismo conservador e o impacto de Trump na política internacional ocidental traduzem fenómenos reais e relevantes para a contemporaneidade, com ressonâncias imprevisíveis. A provocação que sobressai do neo-eurasianismo de Dugin oferece uma perspetiva alternativa e desafiadora sobre a ordenação mundial vigente, questionando a globalização liberal

⁹ Disseminada no envoltório mediático digital, a “infodemia” pode ser compreendida como a proliferação excessiva de informações, tanto verídicas quanto imprecisas, que compromete a capacidade dos indivíduos de localizar fontes fidedignas e orientações confiáveis, sobretudo em contextos de tomada de decisão urgente (Zarocostas, 2020).

¹⁰ A ligação de Donald Trump à Rússia remonta, pelo menos, a 1977, altura em que o seu casamento com a cidadã checa, Ivana Marie Zelníčková, o colocou na mira dos serviços de inteligência checos, a StB, e soviéticos, o *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* (KGB). No entanto, especula-se que o cultivo de relações do Kremlin com Trump terá ocorrido no final da década de 1980, quando o empresário visitou a União Soviética e arrecadou vários investidores para os seus negócios. Segundo Yuri Shvets, antigo agente do KGB, a ligação foi facilitada por Semyon “Sam” Kislin, um empresário ucraniano ligado aos serviços de inteligência e segurança soviéticos (Sellers, 2025a). Os ataques verbais que propalou contra a OTAN aquando do seu regresso aos EUA despertaram a especulação de Trump ter sido aliciado e colaborado ativamente com os soviéticos. Segundo Alnur Mussayev, antigo responsável do KGB no Cazaquistão, o norte-americano tornou-se num ativo do KGB com o nome-código “Krasnov” (Sellers, 2025b). A maioria das acusações sobre a conexão entre Trump e a KGB gira em torno de transações financeiras envolvendo dinheiro russo, i.e., de transações que podem ser vistas como indícios de manipulação ou apoio do KGB (Unger, 2018). Neste contexto, importa não esquecer a comprovada interferência russa nas eleições presidenciais dos EUA, em 2016, em favor de Donald Trump (*U.S. Senate Select Committee on Intelligence*, 2020; Fernandes, 2022).



ocidental na disposição multipolar das grandes potências soberanas (Wilson, 2008; Dugin, 2025).

O caso da guerra de longa duração entre russos e ucranianos revela-se paradigmático. Assente no domínio geográfico – a base da estratégia, da geopolítica e da geoeconomia (Kaplan, 2022) – e na supressão e no revisionismo histórico, o irredentismo da Rússia compagina-se com as políticas czaristas e soviéticas. Desde logo, o putinismo põe em causa a legitimidade da Ucrânia como um país independente, livre e soberano. Em 2022, o antigo presidente da Rússia, Dmitry Medvedev, ridicularizou publicamente "(...) uma pseudo-história do estado ucraniano (...)” e defendeu que o objetivo de Moscovo é "(...) uma Eurásia aberta entre Lisboa e Vladivostok” (Redação DN, 2022). Notoriamente, assiste-se a uma mobilização sistémica para reescrever a narrativa histórica e projetar a *Heartland* russófona para o comando político do mundo, mediante a absorção dos territórios limítrofes (Colibășanu, 2023). Efetivamente, a estratégia implícita à política externa russa baseia-se num ideal expansionista, autoritário e radical que encara a dissolução da União Soviética como um grave erro histórico e que deve ser corrigido, a qualquer custo. A doutrina do neo-eurasianismo sustenta, entre outros posicionamentos extremistas, que a Rússia deve restaurar o seu magistério de influência sobre o antigo espaço soviético, nele incluindo a Finlândia, os Estados Bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) e a Polónia, os quais, à semelhança da Ucrânia, são considerados como obstáculos estratégicos à projeção do poder russo na *Mitteleuropa* (Europa Central), no Mar Báltico e no palco mundial (Rodríguez Cobos, 2024).

O expansionismo por parte daquele que é o maior país do mundo, com profundidade de distância e território – estendido ao longo de 170 graus de longitude –, materializa-se não apenas através de ações militares típicas, mas sobretudo através de mecanismos de guerra híbrida, que combinam recursos tipicamente militares com ações não convencionais, tal como os ciberataques, os veículos de desinformação, a pressão económica e diplomática, as operações de influência e psicológicas, a sabotagem, a espionagem e os confrontos diretos, entre outras estratégias¹¹ (Lin, 2019; Simola & Leppänen, 2025; Fernandes, 2025a, 2025b). “Para o capitalismo, o movimento revolucionário internacional não traz a paz, mas espada” (Jones, 2022, p. 27). Estas táticas insidiosas, que esbatem os limites dos arquétipos normativos internacionais e

¹¹ Entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, os grupos de intrusão UAC-0050 e UAC-0006, com ligações a interesses russos, levaram a cabo campanhas cibernéticas com motivações financeiras, de espionagem e desestabilização política, com particular incidência sobre a Ucrânia. Os alvos destas operações incluíram entidades governamentais, empresas dos setores da defesa, energia e gás, bem como jornalistas e organizações não-governamentais envolvidas no contexto do conflito. Paralelamente, registaram-se operações psicológicas, como o envio de ameaças de bomba e terrorismo, dirigidas a instituições ucranianas e a países aliados, nomeadamente Suíça, Alemanha, Polónia e França. Estas ações apresentam características compatíveis com o *modus operandi* do grupo UAC-0050, associado à designação “*Fire Cells Group*”. Estes grupos operam como extensões informais de estruturas estatais, atuando de forma híbrida entre o cibercrime e os serviços de inteligência. As suas atividades abrangem a infiltração de infraestruturas críticas, a manipulação da informação e a extração ilícita de recursos financeiros. Embora os ataques se concentrem maioritariamente na Ucrânia, empresas internacionais também se revelam alvos preferenciais quando representam interesses estratégicos para os Estados envolvidos. A utilização de serviços de alojamento resistentes à fiscalização (*bulletproof hosting*) revela uma estreita articulação entre agentes do cibercrime e redes de inteligência. Esta infraestrutura beneficia de mecanismos legais opacos, baseados em empresas fictícias sediadas em paraísos fiscais e em identidades virtuais, dificultando a responsabilização legal e o desmantelamento destas redes. O caso da *Zservers* – provedor de serviços de hospedagem com sede na Rússia – é paradigmático: apesar das sanções impostas pelo governo dos EUA, os seus administradores não foram detidos, tendo conseguido relocalizar as suas operações e reforçar a segurança dos seus sistemas, demonstrando a elevada adaptabilidade e resiliência destas estruturas clandestinas (Intrisc, 2025).



intervêm prolificamente nos seus interstícios, constituem uma parte substancial da doutrina russa de confronto indireto ou por procuração (*by proxy*), inspirada por uma longa tradição de subversão política e militar, bem patenteada na *doutrina Gerasimov* (Gerasimov, 2013; Bartles, 2016; Fernandes, 2024a). A “desinformação-como-serviço” é, presentemente, uma das armas mais portentosas do aparelho bélico russo na arena global, estendendo-se em todo o plano da geopolítica digital como uma ameaça existencial (Umland, 2022; Mecklin, 2024; Gouliev, 2025; Intrisec, 2025).

A Ameaça aos Estados Bálticos e o Corredor de Suwałki

Neste intrincado enquadramento, a posição fronteiriça da Polónia, da Lituânia, Letónia e Estónia – todos Estados-Membros da OTAN desde 1999 (Polónia) e 2004 (Estados Bálticos), respetivamente –, fez com que se tornassem alvos prioritários da estratégia disruptiva do Kremlin, sofrendo sucessivos ataques cibernéticos e campanhas massivas de manipulação da opinião pública nos *media* e, sobretudo, na *manosphere*¹². A guerra híbrida russa tem sido particularmente intensa contra a Estónia, Letónia e Lituânia, países que, apesar de pequenos em dimensão, ocupam, juntamente com a Finlândia (membro da OTAN desde 2023), um espaço estratégico fundamental junto do Mar do Báltico, essencial para a contenção da influência russa no norte da Europa (Kaplan, 2022). Segundo relatórios independentes, só em 2024, os Estados Bálticos enfrentaram cerca de 4.500 ataques cibernéticos atribuídos à Rússia, o que ilustra a operacionalização da sua doutrina híbrida (Simola & Leppänen, 2025; Tkachuk, 2025). A desconexão energética dos Estados Bálticos à Rússia e à Bielorrússia (BRELL), concretizada em 2025, integrou os três países Bálticos no sistema elétrico europeu (ENTSO-E), mitigando as chantagens russas sobre as infraestruturas críticas e exemplificando uma notável resiliência estratégica (Rodríguez Cobos, 2024; Bellamy & AP, 2025).

A Estónia foi um dos primeiros alvos dessa estratégia quando, em 2007, enfrentou um ciberataque maciço atribuído a fábricas de *trolls*, *bots* e *hactivistas* de aluguer pró-Kremlin, após a remoção de um monumento da era soviética, em Tallinn. Este ataque paralisou as infraestruturas críticas do país, incluindo bancos, redes governamentais e meios de comunicação, demonstrando a poderosa capacidade da Rússia em utilizar a envolvente digital como um campo de batalha (Ottis, 2008; Vaidišová, 2022; Fernandes, 2024a).

Desde então, ataques semelhantes têm sido lançados, de modo massificado e por diferentes meios, contra as instituições, serviços e empresas (públicas e privadas) da Letónia e da Lituânia, visando não apenas as suas redes digitais, mas também espalhando campanhas de desinformação que procuram deslegitimar os seus governos e fomentar a desordem social. Em 2022, a Lituânia sofreu intensos ciberataques a entidades governamentais e infraestruturas essenciais, na sequência do bloqueio parcial do trânsito de mercadorias russas para Kaliningrado, um exclave estratégico russo no Báltico (Łukasik-Turecka & Malužinas, 2023).

¹² Comumente traduzida como “manosfera”, a expressão significa o conjunto de comunidades *online* de homens com interesses ou ideologias específicas, muitas vezes controversas, sujeita a um elevado risco de radicalização, especialmente junto dos mais jovens.



A Polónia, pela sua posição como elo fundamental entre a Europa Ocidental e os Estados Bálticos, também tem sido alvo frequente de campanhas de desinformação e múltiplas operações de guerra híbrida. A Rússia tem disseminado narrativas falsas sobre a política polaca, promovendo desconfiança em relação à OTAN e amplificando tensões históricas entre Varsóvia e Kyiv (Kruttke, 2024). Estes intensos ciclos de hostilidade fazem parte de um esforço amplo de um ecossistema pró-Kremlin, criado para desestabilizar a coesão europeia e enfraquecer o apoio à Ucrânia (Kuczyńska-Zonik, 2016; Shuker & Topor, 2021).

Neste particular, a Polónia e a Lituânia partilham um ponto geograficamente vulnerável, conhecido como o Corredor de Suwałki, o qual constitui um estreito intervalo de território, com menos de 100 quilómetros de extensão, que separa Kaliningrado da Bielorrússia, aliada de Moscovo. O Corredor de Suwałki constitui o único ponto de ligação terrestre entre os Estados Bálticos e o território principal da OTAN, configurando um *chokepoint* estratégico que, em caso de bloqueio pelas forças russo-bielorrussas, isolaria militarmente a Estónia, Letónia e Lituânia do apoio aliado (Sadowski & Maj, 2022). Exercícios militares russo-bielorrussos, nome-código *Zapad*, têm simulado cenários de neutralização deste corredor, elevando a sua saliência na doutrina estratégica da OTAN e contribuindo para a mudança de postura de não-alinhamento militar de países como a Suécia e a Finlândia (Broeker, 2025).

A escalada da guerra híbrida russa tem também um forte impacto na segurança marítima, particularmente no Mar Báltico, onde a Rússia tem sido acusada de ataques a infraestruturas submarinas, como cabos de comunicação e gasodutos. Em outubro de 2022, foi registada uma explosão nos gasodutos *Nord Stream 1* e *2*, levantando suspeitas sobre a autoria do ataque e demonstrando a vulnerabilidade das infraestruturas energéticas europeias a operações de espionagem e de sabotagem (Virág & Tancsa, 2023). A segurança das redes de comunicação submarinas também está em risco. Os cabos de fibra ótica que ligam os Estados Bálticos ao resto da Europa são alvos potenciais da estratégia russa de guerra não convencional. Qualquer interrupção nestes sistemas comprometeria as comunicações civis e militares, colocando em risco a capacidade de resposta da OTAN em caso de conflito (Hernández-Benito, 2024; Simola & Leppänen, 2025).

Desde a declaração de independência da URSS, em 1990, e a subsequente dissolução do bloco soviético, no ano seguinte, os Estados Bálticos têm mantido relações tensas com a Rússia, despertando a necessidade de resiliência geopolítica multidimensional. Nos últimos anos, o já referido desmantelamento do BRELL, no contexto da criação de uma nova rede energética integrada com o restante espaço da UE, reforçou a resiliência dos Estados Bálticos. Esta infraestrutura inclui, entre outros elementos, cabos submarinos no Mar Báltico (como o *Harmony Link*, entre a Lituânia e a Polónia; o *Baltic Sea Submarine Cable*, entre a Suécia, Estónia e Finlândia; e o *Fenno-Skan 3*, entre a Suécia e a Finlândia), reforçando a interligação energética com a UE. Os três países bálticos, que partilham uma fronteira terrestre de 1633 quilómetros com a Rússia e a Bielorrússia, notificaram Moscovo e Minsk da sua intenção de concretizar a desconexão em 2024, numa estratégia destinada a minimizar o risco de uma reação hostil por parte destas potências totalitárias. Em 2025, depois de décadas de dependência de Moscovo, a adesão ao ENTSO-E revestiu um profundo significado simbólico e geopolítico para os Estados Bálticos (Bellamy & AP, 2025). A independência do gás russo passa por novas



interligações entre a Lituânia, Polónia e Finlândia (*Balticconnector*), bem como pelo programa nuclear (*Olkiluoto 3*, na Finlândia) e a aposta nas energias eólica e solar no Mar Báltico. De facto, os ensinamentos a retirar das experiências da Suécia, Finlândia e Polónia no campo da energia nuclear podem ser muito benéficos para enfrentar as intimidações nucleares da Rússia (Broeker, 2025). Um investimento semelhante está a ser desenvolvido ao nível das linhas de ferro instaladas entre os Estados Bálticos e a Europa Central, como a *Rail Baltica*, que liga Tallin a Varsóvia, ou o desenvolvimento do túnel subaquático que ligará Tallin a Helsínquia. Nos termos do Regulamento (UE) 2024/1679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 13 de junho de 2024, a Rede Transeuropeia de Transportes promete revolucionar as estradas, caminhos de ferro, aeroportos e infraestruturas hídricas, aumentando os fluxos entre os Estados Bálticos e o resto do continente europeu. Como seria de esperar, todo este reforço sistémico da coesão social, económica e territorial da UE exaltou o regime russo, que aumentou a pressão sobre os sectores críticos da energia, transportes, comunicações e defesa na *Rimland* europeia.

Os casos dos Estados Bálticos exemplificam a operacionalização concreta da doutrina de guerra híbrida russa no *Rimland* europeu, combinando a pressão militar convencional no Corredor de Suwałki com a disrupção digital e dependência energética. Esta estratégia confirma a centralidade do neo-eurasianismo como matriz legitimadora de uma política externa expansionista que contesta, simultaneamente, a coesão da OTAN e a autonomia dos Estados sucessores da URSS. Neste contexto, a gigantesca máquina de propaganda e desinformação russa, recentemente enformada pela *Global Fact-Checking Network* (GFCN) moscovita, criada em contraposição à *International Fact-Checking Network* (IFCN) ocidental, reveste uma importância angular na prossecução da estratégia neo-eurasiana (Lin, 2019; Oledan, *et al.*, 2021; Colibășanu, 2023; Fernandes, 2024a, 2024b; Sadeghi, 2025). A reescrita da história e o controlo da narrativa, ainda que falsa, são objetivos primordiais das autocracias (Applebaum, 2024; Fernandes, 2025a, 2025b).

O Holodomor e a Desinformação no Cenário Global

As intimações russas, apoiadas pelo exclave de Kaliningrado, à segurança da Ucrânia, Finlândia, Estónia, Letónia, Lituânia e Polónia, principalmente no Corredor de Suwałki e no Mar Báltico, atestam que a guerra híbrida e a desinformação multimédia, promovida pelo Kremlin, continuam a ser os maiores desafios à segurança europeia no século XXI. O revisionismo histórico e territorial insere-se, como vimos anteriormente, numa tradição mais ampla de repressão dos ímpetus autonomistas e independentistas da Ucrânia, cuja opressão remonta ao período czarista e soviético (Fernandes, 2025a, 2025b).

Nesta comensuração, o *Holodomor*¹³ (1932-1933), reconhecido como genocídio por 26 Estados e pelo Parlamento Europeu (Resolução 1481/2008), constitui um precedente histórico da instrumentalização da fome como arma política pelo regime soviético, visando suprimir a identidade nacional ucraniana e a resistência camponesa à coletivização forçada (Applebaum, 2022). Esta prática estabelece uma continuidade

¹³ O termo vem do ucraniano e significa "morte por fome". O *Holodomor* é um dos eventos mais trágicos da história da Ucrânia, sendo lembrado anualmente no quarto sábado de novembro, como um dia de homenagem às vítimas.



estrutural com as atuais campanhas russas de negação do Holodomor, enquanto “mito nacionalista ucraniano”, conforme documentado em discursos oficiais pós-2014.

O jornalista galês, Gareth Jones, foi uma das poucas testemunhas ocidentais do *Holodomor*, a “Grande Fome” que devastou a Ucrânia sob o regime comunista. O *Holodomor* traduziu-se numa política deliberada de confiscação de colheitas e extensa repressão dos camponeses ucranianos, causando a morte de milhões de pessoas. Em 1933, Jones viajou para a União Soviética e, desafiando as restrições impostas aos jornalistas estrangeiros, deslocou-se clandestinamente para as zonas rurais da Ucrânia. Nos seus relatos, descreveu aldeias inteiras despovoadas, pessoas morrendo à beira das estradas e camponeses desesperados que não tinham acesso a bens essenciais, enquanto os soviéticos exportavam as grandes quantidades de cereais requisitadas para financiar o triplo objetivo do Plano Quinquenal¹⁴. Documentando os testemunhos de alguns sobreviventes, Gareth Jones expôs publicamente a instrumentalização da fome como um crime premeditado pelo regime comunista contra os ucranianos. Ao regressar ao Ocidente, o jornalista publicou alguns artigos nos principais jornais britânicos e norte-americanos, denunciando uma tragédia humana e morticínio sem precedentes. No entanto, a sua voz foi parcialmente abafada por propagandistas pró-soviéticos que minimizaram as denúncias e ajudaram a perpetuar a negação do *Holodomor* por décadas a fio (Jones, 2022).

A manipulação da narrativa histórica e a disseminação de desinformação foram os pilares fundamentais da estratégia soviética para encobrir os crimes do regime, incluindo a “Fome Vermelha” e outras formas de repressão contra os povos que integravam a antiga União Soviética (Applebaum, 2022). O Hotel Metropol de Moscovo desempenhou uma função central na manipulação da narrativa e disseminação de desinformação, funcionando como um epicentro de controle e monitorização dos jornalistas estrangeiros deslocados na URSS (Philps, 2024). Ali, os correspondentes ocidentais eram aliciados através de subornos, luxos e regalias, ou intimidados com ameaças diretas ou chantagens comprometedoras (*Kompromat*), de forma a garantir que transmitiam para o Ocidente uma imagem idílica e distorcida da verdadeira realidade soviética (Jones, 2022; Applebaum, 2022). Rememore-se que, durante a década de 1930, Moscovo era um dos destinos mais difíceis para os jornalistas estrangeiros, os quais enfrentavam severas restrições à circulação e ao acesso à informação. O decadente Metropol, um dos edifícios mais luxuosos da cidade, tornou-se o local onde o regime soviético mantinha os correspondentes ocidentais sob vigilância constante, de modo a controlar a narrativa além-fronteiras (Philps, 2024).

De entre os muitos jornalistas estrangeiros que se fixaram no Hotel Metropol, o correspondente do *New York Times* em Moscovo, Walter Duranty, destacou-se como um dos mais influentes e controversos. Este jornalista recebeu elogios pela sua cobertura da União Soviética e até mesmo um Prémio *Pulitzer*, em 1932, mas as suas reportagens omitiram intencionalmente os horrores do *Holodomor*, perfilhando a linha oficial do regime durante os catorze anos que ali esteve colocado. Duranty, tido por George Orwell como um “criptocomunista” e uma marioneta do *bolchevismo* revolucionário, publicou um artigo no *New York Times*, de 31 de março de 1933, com o título: “Os russos têm

¹⁴ O plano, delimitado entre outubro de 1928 a 30 de setembro de 1933, visava a a industrialização rápida, a coletivização completa da agricultura e a eliminação de todos os elementos capitalistas na *Rodina-mat'* (“Pátria Mãe”).



fome, mas não estão famintos”. Na peça, o correspondente anglo-americano escreveu: “Não há fome real ou mortes por fome, mas há mortalidade generalizada por doenças devido à desnutrição” (Jones, 2022, p. 100). Relatos posteriores indicam que Duranty, tal como outros jornalistas, desfrutava de acesso privilegiado a bens de luxo e eventos exclusivos organizados pelas autoridades soviéticas, enquanto enfrentava pressões das elites comunistas para não relatar qualquer informação que pudesse comprometer a imagem da URSS no plano internacional. As suas reportagens sugeriam que as alegações sobre fome em massa na Ucrânia eram exageradas ou infundadas, alinhando-se com a estratégia soviética de desinformação (Duranty, 1944; Jones, 2022; Applebaum, 2022). Enquanto Gareth Jones arriscava a própria vida para relatar a aterradora realidade do *Holodomor*, Duranty e outros colegas ajudavam a construir uma narrativa falsa e distópica que encobria a verdade (Philps, 2024).

O protótipo da “manipulação e interferência de informação estrangeira”, então, personificado no Hotel Metropol, era apenas uma parte de um esforço maior do regime soviético para controlar a percepção externa da realidade dentro da URSS. A estratégia do *Soviete Supremo* incluía, antes de tudo, restrições ao acesso e à liberdade de circulação dos jornalistas estrangeiros. Na prática, os correspondentes eram limitados a áreas específicas e só podiam viajar para outras regiões com autorização prévia, quase sempre acompanhados por “guias” do regime. Seguidamente, qualquer material jornalístico enviado ao exterior passava por um rigoroso processo de censura e escrutínio. Os jornalistas que publicassem reportagens desfavoráveis ao regime soviético eram declarados *persona non grata* e expulsos do país. Para criar um ambiente de cooptação, os jornalistas estrangeiros eram expostos à propaganda soviética e persuadidos, através de benefícios ou de intimidações, a adotar uma postura favorável ao regime. Neste contexto, a URSS investiu sistematicamente em operações de desinformação para desacreditar jornalistas e eliminar dissidentes, perseverando na promoção de explanações falsas no Ocidente. No caso do *Holodomor*, utilizou agentes e simpatizantes no estrangeiro para denegrir as denúncias como propaganda “anti-soviética” (Jones, 2022; Philps, 2024).

Aqui chegados, certificamos que a manipulação-interferência-corrupção do ecossistema de informação internacional tem sido uma ferramenta primordial do imperialismo russo ao longo da história, quer ao tempo da União Soviética, quer da atual governação de Putin. A herança soviética neste domínio deixou marcas profundas, sendo visível na forma como a Rússia contemporânea conduz as suas operações de espionagem e desinformação, difamação e sabotagem, entre outras, recorrendo à massificação de campanhas multidimensionais para ocultar crimes de guerra, justificar agressões militares e incitar divisões no seio dos países ocidentais. A guerra híbrida russa, caracterizada por ataques cibernéticos e pela disseminação sistemática de *fake news* através de hordas de *hactivistas*, *trollagem* institucionalizada, *botnets* e *outlets* de desinformação (oficiais e *by proxy*), reproduz os três princípios fundamentais da propaganda soviética, ainda vigentes: o controlo absoluto da informação; a construção de narrativas manipuladas; e a difamação de fontes que denunciam a realidade dos factos (Applebaum, 2022; Intrisec, 2025; Fernandes, 2025a, 2025b).

A mais recente reedição dos relatos de Gareth Jones surge num contexto em que a Ucrânia enfrenta uma redobrada vaga de hostilidades encomendadas por pelo regime russo, tornando-se um testemunho ainda mais relevante da longa tradição de resistência



e sacrifício ucraniano à dominação russa. Ainda hoje, o *Holodomor* continua a ser um elemento central na assunção da identidade nacional ucraniana, sendo um símbolo da impiedosa repressão histórica imposta pelo Kremlin. Anne Applebaum aprofundou a análise das causas e consequências deste genocídio, demonstrando como a “Grande Fome” foi utilizada como um cruel instrumento de repressão política, destinado a aniquilar sentimentos autonomistas e nacionalistas ucranianos. A sua investigação revela ainda uma continuidade histórica entre a repressão estalinista da década de 1930 e a política autocrática da Rússia contemporânea, mormente com a invasão da Ucrânia em 2014 e 2022 e a degradação sistemática da sua soberania, identidade nacional e integridade territorial. A instrumentalização da fome e da repressão política pelo regime soviético encontra paralelos diretos nas atuais táticas de Moscovo, que continua a privilegiar o uso da desinformação e da manipulação da opinião pública como armas estratégicas. Recordamos, nesta oportunidade, as palavras da escritora ucraniana Victoria Amelina, uma das muitas vítimas mortais dos bombardeamentos russos: “O sistema soviético nunca comemorou o Holocausto. Uma razão para isso é que, a partir do momento em que se define e identifica um genocídio, passam a ser reconhecíveis outros crimes genocidas. O império soviético não queria que aprendêssemos a nossa história” (Amelina, 2023).

Acontece, porém, que a estratégia de distorção da realidade empregue pelo maquinismo de Putin já não se confina à Ucrânia, estendendo-se a toda a Europa e ao espaço transatlântico (Fernandes, 2024a). Presentemente, mais do que “factos alternativos”, assistimos a “realidades alternativas”, geradas por inteligência artificial generativa (IA generativa) e magnificadas por *computer generated images*, que corroboram as narrativas autocráticas e iludem a percepção das pessoas do mundo que as rodeia¹⁵ (Fernandes, 2022 e 2024b; Zelenskyy, 2025). A realidade e a ficção influenciam-se, interpenetram-se e confundem-se uma com a outra (Allen & Nehrin, 2025).

Nos últimos anos, a UE e a OTAN têm expressado crescente preocupação com os constantes ataques cibernéticos e campanhas massivas de manipulação e interferência na informação pró- Kremlin. Países como a Ucrânia, Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia, Suécia e Finlândia têm sido os alvos preferenciais destas ofensivas, dada a sua posição geopolítica e a sua história de resistência à influência russa. A crescente militarização da região de Kaliningrado e a interferência (*i.e.*, sabotagem) em redes de comunicações no Mar Báltico intensificam as preocupações sobre uma possível ofensiva russa na área, seja

¹⁵ A rápida disseminação de ferramentas de IA generativa, como os modelos de linguagem de grande escala (LLM), geradores de imagens e tecnologias de *deepfake*, está a transformar profundamente o cenário da desinformação. Muitos especialistas comparam o impacto da IA generativa ao da invenção da imprensa ou da *internet*, atribuindo-lhe um “potencial de superalimentação” da desinformação, funcionando como um amplificador de seu alcance e eficácia. Mesmo antes da popularização do *ChatGPT*, já se discutia o potencial destabilizador das *deepfakes*, com alertas sobre a possível corrupção do ecossistema de informação e a IA como uma arma de disrupção em massa. A IA generativa tem o potencial de tornar a desinformação mais rápida (na geração e disseminação automatizada de conteúdos); mais barata (ao reduzir os custos humanos e financeiros com produção e distribuição); mais persuasiva (através de conteúdos hiper-realistas como *deepfakes*); mais personalizada (com base na análise de dados e adaptação da mensagem ao público-alvo); e mais abrangente (graças à automação e à acessibilidade de ferramentas de IA para qualquer utilizador comum). Adicionalmente, a IA generativa introduz dinâmicas mais complexas, criando falsas evidências, invertendo o ónus da prova; questionando qualquer conteúdo como manipulado (“dividendo do mentiroso” ou “defesa *deepfake*”); facilita a criação de personagens falsas críveis (*bots*, avatares, apresentadores digitais); e promove um efeito psicológico de superpotência, motivando criadores de desinformação a confiar cegamente na eficácia da IA. Em suma, a IA generativa aumenta a quantidade, a qualidade e a capacidade de disseminação da desinformação, inaugurando uma nova era de falsificações potencialmente indistinguíveis da realidade, comprometendo, mesmo que indiretamente, a integridade da informação (Allen & Nehrin, 2025).



através de incursões convencionais ou de operações híbridas. Mas também Portugal, Espanha, França, Alemanha, Reino Unido, Chéquia, Eslováquia, Balcãs, Geórgia, Arménia e Moldávia, sem esquecer a miríade de países que compõem os continentes americanos, africanos e asiáticos, têm sido objeto destas operações de influência de longo alcance, sobretudo pelos novos territórios geopolíticos digitais (Fernandes, 2024a, 2024b). Segundo os alarmantes resultados de um estudo realizado nos EUA, um terço dos americanos acredita amplamente na desinformação russa sobre os mais variados temas quotidianos, nomeadamente a atinente à guerra russo-ucraniana (Skibinsk, 2025; Zelenskyy, 2025; Fernandes, 2025a).

Pode concluir-se que a chamada “roleta-russa” de desinformação e propaganda não constitui um fenómeno novo, mas antes a continuidade de uma estratégia de longo prazo que remonta a períodos antigos. Enquanto “agente do caos”, a Rússia continua a utilizar táticas de manipulação e influência para moldar a perceção global dos seus atos, esconder crimes de guerra e justificar as agressões contra países circunvizinhos.

“Antes de uma nação poder ser reconstruída, os seus cidadãos têm de perceber como em primeiro lugar foi destruída: como foram minadas as suas instituições, como foi retorcida a sua linguagem, como foram manipuladas as suas pessoas. Precisam de conhecer pormenores concretos e não teorias gerais e precisam de ouvir histórias específicas, não generalizações sobre as massas. Precisam de uma melhor compreensão do que motivou os seus predecessores, de vê-los como pessoas reais e não como caricaturas a preto-e-branco, vítimas ou vilões. Só então é possível, lentamente, reconstruir” (Applebaum, 2023, p. 609).

A análise da propaganda soviética e das suas complexas redes de desinformação, tal como expostos por Jones e profundados por Applebaum, revelam-se essenciais para compreender as ameaças da Rússia contemporânea. Uma vez consolidado esse entendimento, importa maximizar a capacidade conjunta das democracias ocidentais para resistir ao polimorfismo neo-eurasiano e à sua estratégia integrada de projeção de poder global (Goudarzi, 2022; Fernandes, 2025a, 2025b; Simola & Leppänen, 2025).

Podemos confiar na Rússia?

Ao olharmos para o passado, a história revela-nos como a Rússia tem vindo a transgredir repetidamente uma série de acordos e tratados internacionais, desrespeitando os compromissos diplomáticos assumidos e os princípios fundamentais do direito internacional. Este comportamento censurável tem gerado grandes preocupações ao nível global, especialmente devido ao impacto na estabilidade regional (Clover, 2016; Fernandes, 2024a, 2024b, 2025a).

De entre os principais acordos quebrados, destacamos o Memorando de Budapeste (1994), assinado pela Rússia, EUA e Reino Unido, o qual garantia a soberania e a integridade territorial da Ucrânia em troca da sua renúncia às armas nucleares soviéticas estacionadas no seu território. A anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014, e a intervenção militar no Donbass (2014-2022) violaram diretamente esse compromisso, comprometendo a soberania territorial da Ucrânia, conforme consagrado na Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas ES-11/4 (2022) (Olszański, Sarna, & Wierzbowska-Miazga, 2014; Plesha, 2020).



Os Acordos de Minsk I (2014) e Minsk II (2015), concebidos para estabelecer um cessar-fogo e criar as condições para uma solução política do conflito no Donbass, também foram desrespeitados pela Rússia e pelos separatistas apoiados por Moscovo. Embora esses acordos tenham sido uma tentativa de resolver o conflito, o Kremlin violou repetidamente os compromissos estabelecidos através da manutenção de apoio militar às forças separatistas no Donbass, do estacionamento de tropas e armas pesadas da linha de frente e do desrespeito pelo cessar-fogo. Estas ações disruptivas prolongaram o conflito e minaram a eficácia dos acordos (Pifer, 2016; Zbigniew, 2015).

Em 2022, a invasão militar da Ucrânia representou mais uma violação flagrante da Carta das Nações Unidas (1945), da qual a Rússia é signatária e membro permanente do Conselho de Segurança. Os princípios da não agressão e da proibição do uso da força contra Estados soberanos foram reiteradamente transgredidos (Bowett, 2009; Wood, 2013). Além disso, a Rússia violou o Tratado de Amizade, Cooperação e Parceria celebrado com a Ucrânia (1997), conhecido por *Big Treaty*, que reconheceu formalmente as fronteiras ucranianas, incluindo a Crimeia, e estabeleceu princípios de respeito mútuo e cooperação. A incorporação da Crimeia e o apoio militar aos separatistas no Donbass constituem, como vimos, uma violação direta deste tratado, que proibia alterações unilaterais das fronteiras (Sorokowski, 1996; Litvinenko, 2016; Plesha, 2020).

As Convenções de Genebra (1949) e o Protocolo Adicional I (1977), que regem o direito internacional humanitário, foram igualmente desprezadas. Estas normas proíbem a ocupação ilegal de territórios e a deportação forçada de populações civis, tendo a Rússia sido acusada de cometer crimes de guerra, como a deportação forçada de civis ucranianos (inclusive, crianças) para o seu território, execuções sumárias, bombardeios indiscriminados e destruição de infraestruturas civis (Canton, 2021). Apesar das Convenções de Genebra e dos seus Protocolos Adicionais; do Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional (1998); da praxe internacional; e do *jus cogens*, proibirem expressamente ataques contra as populações civis, quase diariamente registam-se baixas ucranianas não militares, como atestou o ataque russo a Sumy (Pereira, 2025; Kherson & Rih, 2025).

Finalmente, a Convenção de Montevideu (1933), que estabeleceu os critérios para o reconhecimento de Estados e o princípio da não ingerência nos seus assuntos internos, foi identicamente ignorada por Moscovo. O apoio aos separatistas do Donbass, a anexação da Crimeia e o reconhecimento ilegal das “repúblicas populares” de Donetsk e Luhansk, em 2022, trespassam os princípios de não intervenção e de respeito pela integridade territorial dos Estados (Plesha, 2020; Egede, 2025).

Todas estas transgressões revelam o aparente desrespeito da Rússia pelas normas internacionais fundamentais e pelos direitos humanos (Parlamento Europeu, 2025). No entanto, a Rússia justifica as suas ações como “autodefesa preventiva”, invocando o disposto no Artigo 51.º da Carta das Nações Unidas. O argumento, apesar de refutado pelo Tribunal Internacional de Justiça, através de um parecer consultivo em 2024, enfatiza uma hermenêutica no direito internacional humanitário e sublinha a necessidade de mecanismos robustos na ordem liberal. Pelo exposto, a Rússia surge, no presente quadro empírico, como um ator estruturalmente pouco fiável e contestado como parceiro internacional (Zelensky, 2025).



Conclusão

A análise desenvolvida ao longo desta investigação demonstrou que a política externa russa recente é estruturada por uma lógica irredentista e uma estratégia de projeção de poder que articula instrumentos militares convencionais com operações de guerra híbrida, ciberataques e campanhas de desinformação, tecnologicamente sofisticadas (Fernandes, 2024a, 2024b, 2025a; Parlamento Europeu, 2025). O neo-eurasianismo, tal como radicalizado por Alexander Dugin, fornece uma gramática ideológica que legitima a reconstrução de esferas de influência no espaço pós-soviético e a contestação da ordem liberal internacional, ancorando a ambição de uma Eurásia alternativa ao Ocidente liberal (Umland, 2022; Applebaum, 2023). A anexação da Crimeia, a intervenção no Donbass e a invasão alargada da Ucrânia – com o apoio operacional da Coreia do Norte e da China – ilustram esta lógica de expansão de “espaço vital”, reinterpretando, em chave contemporânea, os conceitos clássicos de *Lebensraum* e de *Heartland* (Ratzel, 1901; Diaz-Maurin, 2024, 2025; Kaplan, 2022).

Os resultados do estudo mostram que o neo-eurasianismo não pode ser reduzido a mera retórica putinista, devendo antes ser entendido como um enquadramento espacial-identitário que articula a tradição geopolítica, o revisionismo histórico e a visão civilizacional multipolar (Danilevsky, 1888; Clover, 2016). A sua matriz conceptual assenta na leitura geosófica de Danilevsky, na centralidade do *Heartland* mackinderiano e no *Lebensraum* ratzeliano, combinados com a “Quarta Teoria Política” de Dugin, concebida para ultrapassar o liberalismo, o comunismo e o fascismo (Bassin & Aksenov, 2006; Dugin, 1997, 2012). A convergência desta arquitetura ideacional com a *doutrina Gerasimov* potencia o uso sistemático da desinformação, de FIMI e de operações cognitivas como instrumentos estruturais da política externa russa, em continuidade com práticas de manipulação e corrupção do ecossistema informacional, já enraizadas no período soviético (Applebaum, 2022; Serviço Europeu para a Ação Externa, 2024; Intrisec, 2025; Fernandes, 2025a, 2025b). Ao situar a Ucrânia, os Estados Bálticos e o Corredor de Suwałki como espaços-charneira entre a *Heartland* e a *Rimland*, a análise evidencia a centralidade destas fronteiras na atual disputa hegemónica e na vulnerabilidade estrutural da ordem liberal euro-atlântica (Spykman, 1944, 2017; Colibășanu, 2023; Rodríguez Cobos, 2024).

Do ponto de vista normativo e estratégico, a investigação sugere que a resposta das democracias liberais não pode limitar-se à gestão episódica de crises, exigindo antes uma combinação de *hard power* credível, resiliência societal e capacidade de contra narrativa estratégica, capaz de disputar a legitimidade, a memória histórica e a autoridade interpretativa no espaço informacional global. A recorrência de violações de tratados revela um padrão de desrespeito russo por normas basilares da ordem internacional (Bowett, 2009; Wood, 2013; Pifer, 2016; Canton, 2021; Parlamento Europeu, 2025). Neste quadro, iniciativas como a *ProtectEU* e o reforço da cooperação UE-OTAN apontam no sentido de uma maior autonomia estratégico-militar europeia, mas permanecem manifestamente insuficientes face à escala e sofisticação do “dominacionismo” neo-eurasiano (Cabral, 2009; Nações Unidas, 2024; Simola & Leppänen, 2025). A proteção de infraestruturas críticas, em especial no Mar Báltico e no Corredor de Suwałki, bem como o investimento em literacia mediática, cibersegurança e mecanismos robustos de verificação de factos, constituem condições necessárias para mitigar os efeitos



desestabilizadores da guerra de informação russa (Lin, 2019; Virág & Tanácsa, 2023; Hernández-Benito, 2024; Simola & Leppänen, 2025; Intrisec, 2025).

A retração política dos EUA, num contexto de crescente pressão isolacionista, acentua a necessidade da UE repensar, à luz da *realpolitik*, a sua estratégia pan-europeia e reinventar a sua autonomia estratégica. A “coligação das vontades” permanece indispensável ao apoio militar e económico à Ucrânia, mas a dependência estrutural do “guarda-chuva” de segurança norte-americano tornou-se um fator de risco acrescido num cenário em que “apenas poder pode limitar poder” (John Randolph of Roanoke *apud* Kaplan, 2022, p. 51). O investimento coordenado em capacidades de defesa, nucleares e convencionais, articulado com uma política externa verdadeiramente estruturada, poderá permitir à UE aproximar-se do estatuto de “super-estado” regional, dotado de forças armadas e política externa únicas, capaz de influenciar decisivamente a configuração de poder no hemisfério ocidental (Spykman, 1944, 2017; Kaplan, 2022; Verdú, 2025). A atual janela estratégica oferece à Europa continental uma oportunidade para desenvolver capacidades autónomas de dissuasão híbrida e estratégica, reduzindo a dependência da garantia de segurança externa e fortalecendo a resiliência societal face às operações de influência. Nesta perspetiva, a defesa da ordem liberal não é apenas um imperativo normativo, mas uma necessidade geoestratégica e existencial.

Em termos de agenda de investigação, o estudo abre três linhas de aprofundamento que decorrem diretamente dos resultados obtidos. Em primeiro lugar, a análise comparativa entre o neo-eurasianismo russo e outros projetos civilizacionais – como o “sonho chinês”, o “mundo russo”, em sentido estrito, ou variantes de nacional-populismo ocidental – poderá clarificar padrões comuns de contestação à ordem liberal e de articulação entre a ideologia, geografia e tecnologia (Brzezinski, 1997; Hurrell, 2015; Lake, Martin & Risse, 2021). Em segundo lugar, a incorporação sistemática de dados quantitativos sobre ciberincidentes, fluxos energéticos, investimentos em defesa e perceções públicas permitirá testar, com maior robustez, a relação entre o discurso ideológico e as práticas geoestratégicas, bem como aferir empiricamente o impacto das estratégias de FIMI em diferentes contextos nacionais (Simola & Leppänen, 2025; Gouliev, 2025). Em terceiro lugar, a investigação sobre a recetividade societal às narrativas neo-eurasianas, tanto na Europa como no espaço transatlântico, é crucial para compreender os limites e as potencialidades da resiliência democrática num contexto de multipolaridade emergente e de proliferação de “realidades alternativas”, magnificadas pela IA generativa (Zarocostas, 2020; Fernandes, 2022, 2024b; Allen & Nehrin, 2025).

Os próximos meses serão decisivos para o desfecho deste duelo entre autocratismo e democracia, sob o olhar atento de Pequim e de outras potências revisionistas. Apesar da gravidade da conjuntura geopolítica, a reflexão de Mikhail Gorbatchov oferece uma nota de esperança: “(...) mais cedo ou mais tarde, os nossos esforços comuns darão frutos: os nossos povos viverão numa sociedade próspera e democrática” (Gorbatchov, 2024). Do mesmo modo, Ronald Reagan lembrava que, “(...) hoje em dia, é difícil ser-se otimista, não só porque a democracia é menos vigorosa, mas também porque os inimigos da democracia refinaram os seus instrumentos de repressão. Mas deve-se ser otimista porque a democracia revela, dia após dia, não ser, de modo nenhum, uma frágil flor” (Reagan, 2024, p. 215). Se a ordem internacional liberal enfrenta, hoje, uma contestação estrutural estimulada pelo neo-eurasianismo, a sua sobrevivência dependerá menos da



inércia das instituições e mais da capacidade das democracias em articular poder, prudência e memória histórica contra a “roleta-russa” da desinformação e da violência.

Omnes Omnibus

Referências

- Agência Lusa. (11 de abril de 2025). Rússia garante que não aceitará regressar às fronteiras de 1991 “por nada no mundo”: território ucraniano está em causa. *Expresso*. Obtido em 12 de abril de 2025, de <https://expresso.pt/internacional/guerra-na-ucrania/2025-04-11-russia-garante-que-nao-aceitara-regressar-as-fronteiras-de-1991-por-nada-no-mundo-territorio-ucraniano-esta-em-causa-efb1774a>
- Alexandre, R. (05 de março de 2025). Ucrânia vs. EUA: alguns pormenores sobre o acordo dos minerais. *SIC Notícias*. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2025-03-05-video-ucrania-vs.-eua-alguns-pormenores-sobre-o-acordo-dos-minerais-fcb7274c>
- Allen, K., & Nehrin, C. (2025). *AI-Generated Disinformation in Europe and Africa – Use Cases, Solutions and Transnational Learning*. Konrad-Adenauer-Stiftung e.V. Obtido em 16 de abril de 2025, de www.kas.delmediaafrica
- Amelina, V. (2023). *Nothing Bad Has Ever Happened: A Bouquet for Victoria Amelina*. (A. Melnyczuk, Ed.) Arrowsmith Press.
- Applebaum, A. (2022). *Fome Vermelha: A Guerra de Estaline contra a Ucrânia*. (J. Gafeira, Trad.) Lisboa: Bertrand.
- Applebaum, A. (2023). *A Cortina de Ferro - A destruição da Europa de Leste 1944-1956*. (M. F. Costa, Trad.) Lisboa: Bertrand Editora.
- Applebaum, A. (2024). *Autocracia, Inc. - Os ditadores que querem governar o mundo* (1.ª ed.). (J. Gafeira, Trad.) Lisboa: Bertrand Editora.
- Applebaum, A. (01 de abril de 2025). The Hungarian Model: The corruption and stagnation in our future. Obtido em 01 de abril de 2025, de https://anneapplebaum.substack.com/p/the-hungarian-model?utm_source=substack&publication_id=2351353&post_id=160269918&utm_medium=email&utm_content=share&utm_campaign=email-share&triggerShare=true&isFreemail=true&r=5ckfvx&triedRedirect=true
- Arquilla, J., & Ronfeldt, D. (1996). *The advent of Netwar*. RAND.
- Barata, C. (26 de novembro de 2014). Dinheiro russo vai financiar próximos meses de campanha de Marine Le Pen. *Público*. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://www.publico.pt/2014/11/26/mundo/noticia/marine-le-pen-financiase-com-dinheiro-russo-1677538>
- Bartles, C. K. (2016). Para entender Gerasimov. *Military Review*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf



Bassin, M., & Aksenov, K. E. (2006). Mackinder and the Heartland Theory in Post-Soviet Geopolitical Discourse. *Geopolitics*, 11(1), 99-118.
<https://doi.org/10.1080/14650040500524129>.

Geopolitics, 1(11), pp. 99-118. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://doi.org/10.1080/14650040500524129>

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. (J. Zahar, Ed., & P. Dentzien, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. Obtido em 28 de fevereiro de 2024, de https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf

Beck, U. (1992). *Risk Society. Towards a New Society* (2nd ed.). (M. Ritter, Trad.) London: Sage Publications. Obtido em 8 de março de 2024, de http://www.riversimulator.org/Resources/Anthropology/RiskSociety/RiskSocietyToward_sAnewModernity1992Beck.pdf

Bellamy, D., & AP. (09 de fevereiro de 2025). Países bálticos já estão ligados à rede elétrica europeia. *Euronews*. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://pt.euronews.com/my-europe/2025/02/09/paises-balticos-ja-estao-ligados-a-rede-eletrica-europeia>

Bowett, D. (2009). *Self-Defense in International Law*. Clark, New Jersey: The Lawbook Exchange, Ltd.

Brigola, H. F. (fevereiro de 2023). O Pensamento Geopolítico de Karl Haushofer. *Geografia (Londrina)*, 32(1), pp. 49-60. doi:10.5433/2447-1747.2023v32n1p49

Broeker, M. (11 de abril de 2025). What Sweden, Finland, and Poland can teach the United States about confronting Russia's nuclear threats. *Bulletin of the Atomic Scientists*. Obtido em 17 de abril de 2025, de https://thebulletin.org/2025/04/what-sweden-finland-and-poland-can-teach-the-united-states-about-confronting-russias-nuclear-threats/?utm_source=SocialShare&utm_medium=CopyLink&utm_campaign=CopyLink&utm_term

Brzezinski, Z. (1997). *The Grand Chessboard. American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. Nova Iorque: Basic Books.

Cabral, V. (2009). *A Política Externa e de Segurança Comum da União Europeia*. Oeiras: Instituto Universitário Militar. Obtido em 04 de abril de 2025, de <http://hdl.handle.net/10400.26/12123>

Canton, H. (2021). International Committee of the Red Cross - ICRC. *The Europa Directory of International Organizations 2021*, pp. 629-631.

Cláudio, V. (2015). A Rússia e o neo-Eurasianismo. *EuroDefense Portugal*. Lisboa: EuroDefense Portugal. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://eurodefense.pt/a-russia-e-o-neo-eurasianismo/>

Clover, C. (2016). *Black Wind, White Snow: The Rise of Russia's New Nationalism*. New Haven: Yale University Press.

Colibășanu, A. (2023). A Theoretical Discussion on the Borderlands. Em *Geopolitics, Geoeconomics and Borderlands: A Study of a Changing Eurasia and Its Implications for Europe* (pp. 9-16). Bucharest: Springer Nature.



Danilevsky, N. Y. (1888). *Russia and Europe: A look at the cultural and political relations of the Slavic world to the German-Romanesque* (3.rd ed.). St. Petersburg: N. Strakhov Publishing.

Diaz-Maurin, F. (25 de outubro de 2024). North Korea sent troops to Russia. The reason(s) are "left to be seen". *Bulletin of the Atomic Scientists*. Obtido em 17 de abril de 2025, de https://thebulletin.org/2024/10/north-korea-sent-troops-to-russia-the-reasons-are-left-to-be-seen/?utm_source=SocialShare&utm_medium=CopyLink&utm_campaign=CopyLink&utm_term

Diaz-Maurin, F. (09 de abril de 2025). What were Chinese soldiers doing in Ukraine? *Bulletin of the Atomic Scientists*. Obtido em 17 de abril de 2025, de https://thebulletin.org/2025/04/what-were-chinese-soldiers-doing-in-ukraine/?utm_source=SocialShare&utm_medium=CopyLink&utm_campaign=CopyLink&utm_term

Dugin, A. (1997). *Foundations of geopolitics*. Moskva: Arktogeja-centr.

Dugin, A. (2012). *The Fourth Political Theory*. London: Arktos.

Dugin, A. (2025). *The Trump Revolution: A New Order of Great Powers*. Arktos Media Ltd.

Duranty, W. (1944). *USSR: The Story of Soviet Russia*. New York: J.B. Lippincott.

Egede, E. (2025). Kofi Annan and the United Nations. *International Politics*, pp. 1-7.

Euronews, & EBU. (05 de fevereiro de 2025). Presidente da Polónia promete gastar 4,7% do PIB na defesa este ano. *Euronews*. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://pt.euronews.com/my-europe/2025/02/05/presidente-da-polonia-promete-gastar-47-do-pib-na-defesa-este-ano>

Fairclough, N. (2023). Critical discourse analysis. Em *The Routledge handbook of discourse analysis* (pp. 11-22). Routledge.

Fernandes, R. N. (2022). O mavorcismo infodêmico anti-imigração nos Estados Unidos da América. (R. N. Fernandes, & P. Machado, Edits.) *Politeia - Revista Portuguesa de Ciências Policiais*(XIX). doi:<https://doi.org/10.57776/7bdf-t568>

Fernandes, R. N. (2024a). The Police Diplomat Network as a response to Modern Challenges: A Portuguese Perspective. *Security Spectrum: Journal of Advanced Security Research*(23). doi:<https://doi.org/10.15158/earr-6856>

Fernandes, R. N. (2024b). 2024: A soma de todos os riscos geopolíticos. (P. Machado, Ed.) *Politeia - Revista Portuguesa de Ciências Policiais*(XXI). doi:<https://doi.org/10.57776/vgh4-sz77>

Fernandes, R. N. (2025a). *Outlets de Desinformação na Nova Geopolítica Digital* (1.^a ed.). (R. N. Fernandes, Ed.) Centro de Investigação (ICPOL) do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI).

Fernandes, R. N. (2025b). O Poder Invisível das Autocracias: Guerra Cognitiva. *Revista Mátia Digital*(13), pp. 507-549. Obtido de <https://lnkd.in/er4sE3Zw>



- Ferreira, M. F., & Terrenas, J. (2016). Good-bye, Lenin! Hello, Putin! O discurso geoidentitário na política externa da nova Rússia. *Revista Brasileira de Ciência Política*(20), pp. 43-78. doi:<https://doi.org/10.1590/0103-335220162002>
- Fettweis, J. C. (2003). Revisiting Mackinder and Angell: The Obsolescence of Great Power Politics. *Comparative Strategy*(22), pp. 109-129.
- Freire, M. R. (2023). A política externa russa um ano depois: narrativas múltiplas e as suas implicações. *Relações Internacionais*(77), pp. 45-52. doi:10.23906/ri2023.77a05
- Gerasimov, V. (2013). The value of science in prediction. *Military-Industrial Kurier*, 27, pp. 30-38.
- Gorbachov. (2024). A Dissolução da URSS. Em M. Robalo (Ed.), *50 Grandes Discursos da História* (J. Rosa, S. Carvalho, & L. Anjos, Trans., 2.^a ed., pp. 243-247). Lisboa: Edições Sílabo.
- Goudarzi, S. (29 de dezembro de 2022). Disruptive technologies in 2022. *Bulletin of the Atomic Scientists*. Obtido em 17 de abril de 2025, de https://thebulletin.org/2022/12/disruptive-technologies-in-2022/?utm_source=SocialShare&utm_medium=CopyLink&utm_campaign=CopyLink&utm_term
- Gouliev, Z. (2025). Disinformation-as-a-Service: Rise of the "Influence Operators". *CEPOL Research & Science Conference 2024/2025*. Óstia, Itália: CEPOL.
- Haggard, S., & Kang, D. C. (2020). *East Asia in the world: Twelve events that shaped the modern international order*. (S. Haggard, & D. C. Kang, Eds.) Cambridge University Press.
- Heidegger, M. (2024). *Ser e tempo* (Vol. 2). Minerva Heritage Press.
- Hernández-Benito, D. (2024). Damages to Submarine Cables and Pipelines in Times of Peace and War: The Nord Stream Sabotage. *Amsterdam Law Forum*, 16(1). Obtido em 13 de março de 2025, de <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/amslawf16&div=4&id=&page=>
- Hurrell, A. (2015). Kissinger and world order. *Millennium*, 1(44), pp. 165-172.
- Intriseq. (2025). *From espionage to PsyOps: Tracking operations and bulletproof providers of UACs in 2025*. Intriseq. Obtido em 22 de abril de 2024, de <https://www.intrinsec.com/from-espionage-to-psyops-tracking-operations-and-bulletproof-providers-of-uac/?cn-reloaded=1>
- Jones, G. (2022). *Fome na Ucrânia: Os relatos do front do Holodomor*. (D. Teixeira, Ed.) São Paulo, Brasil: Faro editorial.
- Kaplan, R. D. (2022). *A vingança da Geografia*. (F. e. Silva, Trad.) Lisboa: Clube do Autor.
- Kherson, & Rih, K. (13 de abril de 2025). Russia continues to rain down death on Ukrainian cities. *The Economist*. Obtido em 16 de abril de 2025, de <https://www.economist.com/europe/2025/04/13/russia-continues-to-rain-down-death-on-ukrainian-cities>



- Kruttke, C. (2024). *Displacement and Disinformation: How Russia is Instrumentalizing Migration and Disinformation as a Foreign Policy Tool against the European Union*. Enschede: University of Twente.
- Kuczyńska-Zonik, A. (2016). Russian propaganda: methods of influence in the Baltic States. *Rocznik Instytutu Europy Środkowo-Wschodniej*, 2(14), pp. 43-59.
- Lake, D. A., Martin, L. L., & Risse, T. (2021). Challenges to the Liberal Order: Reflections on International Organization. *International Organization*, 2(75), pp. 225-257. doi:10.1017/S0020818320000636
- Lenine, V. I. (2024). Pela Ditadura do Proletariado. Em M. Robalo (Ed.), *50 Grandes Discursos da História* (J. Rosa, S. Carvalho, & L. Anjos, Trans., 2.^a ed., pp. 65-68). Lisboa: Edições Sílabo.
- Lin, H. (2019). The existential threat from cyber-enabled information warfare. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 4(75), pp. 187-196.
- Litvinenko, D. (2016). *The Legal Aspects of Crimea's Independence Referendum of 2014 With the Subsequent Annexation of the Peninsula by Russia*. Harvard Extension School. Obtido em 03 de abril de 2025, de <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:33797389>
- Łukasik-Turecka, A., & Malužinas, M. (2023). Digital Disinformation During the 2020 Parliamentary Elections in Lithuania. Em M. L. Musiał-Karg, *Digital Communication and Populism in Times of Covid-19: Cases, Strategies, Examples* (pp. 75-89). Switzerland: Springer Nature Switzerland. doi:https://doi.org/10.1007/978-3-031-33716-1_6
- Mecklin, J. (23 de janeiro de 2024). A moment of historic danger: It is still 90 seconds to midnight. *Bulletin of the Atomic Scientists*.
- Milhazes, J. (2016). *Rússia e Europa: uma parte do todo*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Nações Unidas. (2024). *Princípios globais das Nações Unidas para a integridade da informação: Recomendações para uma ação multilateral*. Nações Unidas. Obtido em 18 de abril de 2025, de <https://www.un.org/>
- Nietzsche, F. W. (2008). *A vontade de poder Nietzsche*. (M. S. Fernandes, & F. J. Moraes, Trans.) Rio de Janeiro: Contraponto. Obtido em 20 de abril de 2025, de https://www.academia.edu/101635448/NIETZSCHE_Friedrich_A_Vontade_de_poder
- Nye, J. S. (janeiro de 2003). Propaganda isn't the way: Soft power. *International Herald Tribune*(10).
- Oledan, J., Bariletto, N., Salihudin, S., Sitepu, M., & Shapiro, J. N. (2021). Politics, race, and religion: Pandemic misinformation courses through the Southeast Asian internet. *Bulletin of the Atomic Scientists*.
- Olszański, T. A., Sarna, A., & Wierzbowska-Miazga, A. (19 de março de 2014). The consequences of the annexation of Crimea. *Analyses*. OSW | Centre For Eastern Studies. Obtido em 02 de abril de 2025, de <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2014-03-19/consequences-annexation-crimea>



Ottis, R. (2008). Analysis of the 2007 cyber attacks against Estonia from the information warfare perspective. *7th European Conference on Information Warfare* (p. 163). Reading, MA: Academic Publishing Limited.

Parlamento Europeu. (2025). *Desinformação e falsificação histórica da Rússia para justificar a sua guerra de agressão contra a Ucrânia (P10_TA(2025)0006)*. Parlamento Europeu. Obtido em 18 de abril de 2025, de <https://www.europarl.europa.eu/>

Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. California: Sage Publications, Inc. Obtido em 18 de julho de 2025, de <https://aulasvirtuales.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/02/qualitativeresearch-evaluation-methods-by-mich>

Pereira, I. d. (13 de abril de 2025). "O alvo foi a população civil que estava à saída da eucaristia de domingo": o ataque russo a Sumy. *CNN Portugal*. Obtido em 15 de abril de 2025, de <https://cnnportugal.iol.pt/videos/o-alvo-foi-a-populacao-civil-que-estava-a-saida-da-eucaristia>

Philps, A. (2024). *Hotel Vermelho: A História Inédita da Guerra de Desinformação de Estaline* (1.ª ed.). (M. S. Marques, Trad.) Vogais.

Plesha, E. (2020). *Crimean Crisis: Analysis of Russia's Legitimacy Discourse*. Beira Interior: Universidade Beira Interior. Obtido em 02 de abril de 2025, de https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiV4J_Q0rmMAxWXSPEDHaECPQ0QFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Fubibliorum.ubi.pt%2Fbitstream%2F10400.6%2F11027%2F1%2F7625_16127.pdf&usq=AOvVaw0hUudUwmqvXMa8G1qwrYWR&opi=899784

Plesha, E. (2020). *Crimean Crisis: Analysis of Russia's Legitimacy Discourse*. Universidade da Beira Interior. Obtido em 22 de abril de 2025, de <http://hdl.handle.net/10400.6/11027>

Putin, V. V. (21 de fevereiro de 2022). Address by the President of the Russian Federation. Moscow, Russian Federation: The Kremlin. Obtido em 05 de fevereiro de 2026, de <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67828>

Ratzel, F. (1901 [2018]). Lebensraum: a biogeographical study. (T. Bhabry, Ed.) *Journal of Historical Geography*, 61, pp. 59-80. [doi:https://doi.org/10.1016/j.jhg.2018.03.001](https://doi.org/10.1016/j.jhg.2018.03.001)

Reagan, R. (2024). A Previsão do Colapso do Comunismo. Em M. Robalo (Ed.), *50 Grandes Discursos da História* (J. Rosa, S. Carvalho, & L. Anjos, Trans., 2.ª ed., pp. 215-221). Lisboa: Edições Sílabo.

Redação DN. (05 de abril de 2022). "Eurásia aberta de Lisboa a Vladivostok". A declaração ameaçadora de Medvedev. *Diário de Notícias*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://www.dn.pt/internacional/eurasia-aberta-de-lisboa-a-vladivostok-a-declaracao-ameacadora-de-medvedev-14744016.html/?utm_source=chatgpt.com

Rodríguez Cobos, R. (2024). Evolution of Baltic Security: Analysis of Threats and Strategic Responses. *Revista UNISCI*, 66.

Rufo, C. F. (2023). *America's cultural revolution: How the radical Left conquered everything*. Broadside Books.



Sadeghi, M. (14 de abril de 2025). Commentary: The Truth About Russia's New 'Global Fact-Checking Network'. *NewsGuard's Reality Check | Substack*. Obtido em 16 de abril de 2025, de <https://www.newsguardrealitycheck.com/p/commentary-the-truth-about-russias>

Sadowski, A., & Maj, J. (2022). Interoperability and Complementarity of Civil Defense as Crucial Problems of Regional Security: The Case of the Suwalki Corridor. *The Journal of Slavic Military Studies*, 35(2), 205-225., 2(35), pp. 205-225. doi:<https://doi.org/10.1080/13518046.2022.2139576>

Sahuquillo, M. R. (19 de dezembro de 2024). Zelenski admite ante la UE que sin Estados Unidos "es muy difícil mantener el apoyo a Ucrania". *El País*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://elpais.com/internacional/2024-12-19/zelenski-admite-ante-la-ue-que-sin-estados-unidos-es-muy-dificil-mantener-el-apoyo-a-ucrania.html?utm_source=chatgpt.com

Sahuquillo, M. R. (09 de março de 2025). Europa entra en una nueva fase militar. *El País*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://elpais.com/internacional/2025-03-09/europa-entra-en-una-nueva-fase-militar.html?utm_source=chatgpt.com

Scott, M., & Alcenat, W. (2008). Revisiting the Pivot: The influence of heartland theory in great power politics. *Comparative Strategy*(22), pp. 109-129.

Sellers, M. (02 de março de 2025a). Trump and KGB: How It All Began. Part 1 in a Series - How the Czech StB and Soviet KGB First Became Interested in Trump in the 1970s and 1980s. *DEEPER LOOK with Michael Sellers*. Obtido em 01 de abril de 2025, de https://michaeldsellers.substack.com/p/trump-and-kgb-how-it-all-began-part?utm_source=substack&utm_medium=email

Sellers, M. (22 de março de 2025b). Trump and KGB Part 3: If We "Follow the Money", Where Does it Lead? - There's lots of financial "smoke" -- but is it an espionage fire? *DEEPER LOOK with Michael Sellers*. Obtido em 01 de abril de 2025, de https://michaeldsellers.substack.com/p/trump-and-kgb-part-3-if-we-follow?utm_source=post-email-title&publication_id=1880323&post_id=159069958&utm_campaign=email-post-title&isFreemail=true&r=5ckfvx&triedRedirect=true&utm_medium=email

Sellers, M. (16 de abril de 2025c). Is the U.S. Experiencing "Autocratic Capture" Under Trump? - A Former CIA Officer's Sober Analysis. *Deeper Look*. Substack. Obtido em 16 de abril de 2025, de https://michaeldsellers.substack.com/p/is-the-us-experiencing-autocratic?utm_source=post-email-title&publication_id=1880323&post_id=161470990&utm_campaign=email-post-title&isFreemail=true&r=5ckfvx&triedRedirect=true&utm_medium=email

Serviço Europeu para a Ação Externa. (2024). 2.º Relatório sobre ameaças de manipulação e interferência estrangeira da informação (FIMI): Um quadro para uma defesa em rede. Serviço Europeu para a Ação Externa (SEAE). Obtido em 18 de abril de 2025, de <https://www.eeas.europa.eu/>

Shuker, P., & Topor, L. (2021). Russian influence campaigns against NATO in the Baltic region: Spread of chaos and divide et impera. Em H. Mölder, V. Sazonov, A. Chochia, & T. Kerikmäe, *The Russian Federation in Global Knowledge Warfare. Contributions to*



International Relations (pp. 295-314). Cham.: Springer. Obtido em 13 de março de 2025, de https://doi.org/10.1007/978-3-030-73955-3_15

Simola, J., & Leppänen, T. (2025). Identification of the Emerging Sources of Cybersecurity Threats. *European Conference on Cyber Warfare and Security*. Academic Conferences International.

Skibinsk, M. (16 de abril de 2025). One Third of Americans Believe Russian Disinformation, NewsGuard-YouGov Survey Finds. *NewsGuard*. Obtido em 16 de abril de 2025, de https://www.newsguardrealitycheck.com?utm_source=navbar&utm_medium=web

Sloan, G. (1999a). Sir Halford J. Mackinder: the heartland theory then and now. *The Journal of Strategic Studies*, 3(22), pp. 15-38.

Sloan, G. (1999b). Sir Halford Mackinder: The Heartland Theory Then and Now. Em C. S. Gray, & G. Sloan (Edits.), *Geopolitics: Geography and Strategy* (p. 20). Londres: Frank Cass.

Sorokowski, A. D. (1996). Treaty on Friendship, Cooperation, and Partnership between Ukraine and the Russian Federation. *Harvard Ukrainian Studies*(20), pp. 319–329. Obtido em 02 de abril de 2024, de <http://www.jstor.org/stable/41036701>

Sosa, A. C. (04 de dezembro de 2024). Expulsan a la OTAN de un nuevo plan de paz en Ucrania. *HuffPost*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://www.huffingtonpost.es/global/expulsan-otan-nuevo-plan-paz-ucrania.html?utm_source=chatgpt.com

Souza, P. T. (2017). *Jogo de espelhos: uma análise da visão geopolítica de Zbigniew Brzezinski sobre a Rússia*. FFLCH. São Paulo: USP. Obtido em 02 de abril de 2025, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02042018-131411/>

Spykman, N. (1944). *The geography of the peace*. New York: Harcourt Brace.

Spykman, N. (2011). Heartland and rimland. Em R. E. Kasperson, & J. Minghi, *The Structure of Political Geography* (pp. 170-177). New York: Routledge.

Stanley, J. (2025). *Apagar a História: Como os Fascistas Reescrevem o Passado para Controlar o Futuro* (1.ª ed.). (M. S. Marques, Trad.) Vogais.

Stein, E. (1966). *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. EdUPUCRS.

Tkachuk, N. (2025). Ukraine as the frontline of European cyber defence: Building resilience in the face of Russian cyber aggression. *Tallinn Paper No. 15*. Obtido em 04 de fevereiro de 2026, de https://www.ccdcoe.org/uploads/2025/07/Tkachuk_N_Tallinn_Paper_15_Ukraine-as-the-Frontline-of-European-Cyber-Defence.pdf

U.S. Senate Select Committee on Intelligence. (2020). *Russian Active Measures Campaigns and Interference in the 2016 U.S. election: Volumes I-V*. U.S. Senate Select Committee on Intelligence. Washington: U.S. Government Publishing Office. Obtido em 04 de abril de 2025, de <https://www.intelligence.senate.gov/publications/report-select-committee-intelligence-united-states-senate-russian-active-measures>



Umland, A. (2022). Commentary – Historical Esotericism as a Cognition Method: How Russian Pseudo-scholars have Contributed to Moscow’s Anti-Western Turn. *World Affairs*, 186(1), pp. 210-225. Obtido em 04 de fevereiro de 2026, de <https://doi.org/10.1177/00438200221135638>

Unger, C. (2018). *House of Trump, House of Putin: The Untold Story of Donald Trump and the Russian Mafia*. Dutton .

Vaidišová, N. (2022). Book review on Jessikka Aro, Putin’s Trolls: On the Frontlines of Russia’s Information War Against the World. *Auc Studia Territorialia*, 1(22), pp. 93-96. doi:10.14712/23363231.2022.10

Vasconcelos, C. M. (02 de maio de 2022). Do ocultismo à veneração do nazismo e do imperialismo russo: quem é o homem a quem chamam "o cérebro de Putin"? *Expresso*. Obtido em 03 de abril de 2025, de <https://expresso.pt/internacional/guerra-na-ucrania/2022-05-02-Do-ocultismo-a-veneracao-do-nazismo-e-do-imperialismo-russo-quem-e-o-homem-a-quem-chamam-o-cerebro-de-Putin--359b8ce9>

Verdú, D. (08 de março de 2025). Macron se mira en el espejo de De Gaulle al ofrecerse como paraguas nuclear de la UE. *El País*. Obtido em 13 de março de 2025, de https://elpais.com/internacional/2025-03-08/macron-se-mira-en-el-espejo-de-de-gaulle-al-ofrecerse-como-paraguas-nuclear-de-la-ue.html?utm_source=chatgpt.com

Virág, A., & Tancsa, G. (2023). Turbulent energy transformations in Central Europe: Nord Stream projects in the context of geopolitics. *Politics in Central Europe*, 1(19), pp. 113-144. Obtido em 13 de março de 2025, de <https://intapi.sciendo.com/pdf/10.2478/pce-2023-0006>

Wilson, E. J. (01 de março de 2008). Hard Power, Soft Power, Smart Power. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, pp. 110-124. doi:10.1177/0002716207312618

Wood, M. (2013). International Law and the Use of Force: What Happens in Practice? *Indian Journal of International Law*, pp. 345-367. Obtido em 02 de abril de 2025, de https://legal.un.org/avl/pdf/ls/wood_article.pdf

Zakaria, F. (30 de março de 2025). Russian philosopher: Putinism has won in the US. *GPS*. Obtido em 03 de abril de 2025, de <https://edition.cnn.com/2025/03/30/world/video/gps0330-putin-russia-ukraine-dugin>

Zarocostas, J. (20 de fevereiro de 2020). How to fight an infodemic. *The Lancet*, 395(10225), p. 676. doi:[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X)

Zelenskyy, V. (13 de abril de 2025). Ukrainian President Volodymyr Zelenskyy: The 2025 60 Minutes Interview transcript. *60 Minutes*. (S. Pelley, Entrevistador) Obtido em 21 de abril de 2025, de <https://www.cbsnews.com/news/ukraine-president-volodymyr-zelenskyy-2025-60-minutes-interview-transcript/>